

# O Papel do Estado

## Porque é que Churchill Mudou de Ideias

Tal como nos é dito que há mais alegria no Céu por causa de um pecador que se arrependeu e é salvo do que pelas noventa e nove almas que já viram a luz, também nós nos alegamos muito que a experiência pessoal e inteligência de Winston Churchill o tenha trazido para o movimento de mercado livre com tal esplendor e impressionantes poderes de persuasão.

**DIA DAS ELEIÇÕES,**  
5 de Julho de 1945: O início do fim do primeiro mandato de Churchill como primeiro-ministro

**A** odisseia pessoal que levou Sir Winston Churchill a passar da Esquerda para a Direita em questões económicas – de um arquitecto do Estado Providência em 1906 para um acérrimo defensor do Mercado Livre em 1945 – é um dos aspectos menos estudados de uma carreira que, noutras áreas, tem estado sujeita ao escrutínio constante da história. Numa vida política que abrangeu mais de sessenta anos, Churchill descobriu por si próprio que o colectivismo pura e simplesmente não funciona, e teve a coragem de agir em conformidade.

Começou a vida como paternalista, acreditando piamente na filosofia de Democracia Tory, defendida por seu pai, Lord Randolph. No seu primeiro discurso político, com apenas 22 anos, declarou:



POR  
**Andrew Roberts**

Historiador

“O trabalhador britânico tem mais a esperar da maré crescente da Democracia Tory do que da canalização seca do Radicalismo.” Mais tarde na sua carreira era possível trocar Socialismo e Comunismo pela palavra “Radicalismo.”

O pai de Churchill faleceu apenas dois anos antes desse seu primeiro discurso, mas postumamente teve uma poderosa influência sobre o filho. Como ministro das Finanças durante a década de 80 do século XIX, Randolph tentou pôr em prática ideias originárias da filosofia Jovem Inglaterra de Benjamin Disraeli, com o intuito de conquistar o trabalhador aos mantras da Esquerda.

Este projecto teve um fim brusco em Dezembro de 1886 quando se demitiu do governo de Salisbúria. No entanto, os seus princípios foram quase osmoticamente absorvidos pelo seu filho Winston, que estudou os discursos do pai e escreveu a sua biografia.

**“O comércio livre foi a questão central entre e no seio dos partidos britânicos no início do século XX. ‘A teoria do protecçãoista é a de que as importações são más,’ afirmou Churchill em 1904. ‘Nós os proponentes do comércio livre afirmamos que isso não é verdade. Pensarmos que podemos tornar um homem mais rico ao criar um imposto é o mesmo que um homem pensar que estando enfiado num balde se pode erguer ao segurar na pega.”**

As filosofias Jovem Inglaterra e Democracia Tory eram profundamente paternalistas de acordo com os padrões modernos, mas também não eram quase-socialistas, e Churchill definiu-se correctamente como um antissocialista arrebatado ao longo da sua vida. No entanto, quando era jovem, aceitou prontamente um papel para o Estado.

“Há coisas que um governo tem de fazer,” afirmou Churchill em Manchester em Fevereiro de 1904, não porque o governo as faça bem, mas porque mais ninguém as faria.” Em Outubro de 1906 declarou que “o Estado deveria cada vez mais assumir o papel de entidade patronal de reserva dos trabalhadores,” o que, penso, foi o mais à esquerda que alguma vez se colocou, posição que nunca foi seguida por nenhuma medida concretas em termos de política. Foi também durante este período que Churchill flirtou perigosamente com ideias relativas a impostos sobre bens imóveis. (Ver “Henry George” em Ampersand, FH 139, Verão 2008; e “The People’s Rights: Opportunity Lost?” em FH 112, Outono 2001.)

Filiando-se no Partido Liberal em 1904, após os Conservadores terem abraçado o protecçãoismo em detrimento do Comércio Livre, Churchill manteve-se concentrado no ponto em

O último livro de Andrew Robert intitula-se *The Storm of War: A New History of the Second World War* (A Tempestade da Guerra: Uma Nova História da Segunda Guerra Mundial). Este artigo foi adaptado do seu discurso, “Winston Churchill e a Livre Iniciativa Económica” à Ci-

vitas, Canadá a 5 de Maio de 2012 e publicado na Revista *Finest Hour*, Nº 155, Summer 2012, pp. 13-19, com o título, “The Role of the State: Why Churchill Changed His Mind”. Nova Cidadania agradece ao autor e à revista a autorização para a publicação em Portugal.

que acabava o Liberalismo e começava o Socialismo. “O Socialismo mataria o espírito empreendedor,” declarou em Dundee em Maio de 1908. “O Liberalismo libertaria o espírito empreendedor das amarras do privilégio e da preferência. O Socialismo agride o primado do indivíduo; o Liberalismo procura... construir o standard mínimo para as massas. O Socialismo ataca o capital; o Liberalismo ataca o monopólio.” Torna-se assim evidente que Churchill era um apoiante da forma clássica, ou Gladstoniana, de Liberalismo, estando muito longe dos actuais Democratas Liberais Britânicos, que são muito mais radicais.

O comércio livre foi então a questão central entre e no seio dos partidos políticos britânicos, e Churchill foi um apoiante empenhado. Estilhaçou o Partido Conservador, fazendo com que este perdesse as eleições de 1906, dando uma vitória esmagadora ao partido Liberal. ‘A teoria do protecionista é a de que as importações são más,’ afirmou Churchill em 1904. ‘Nós os proponentes do comércio livre afirmamos que isso não é verdade. Pensarmos que podemos tornar um homem mais rico ao criar um imposto é o mesmo que um homem pensar que estando enfiado num balde se pode erguer ao segurar na pega.’”

Mesmo depois da Grande Guerra,

com as rupturas que esta causou ao sistema económico internacional, Churchill manteve-se um defensor convicto do Comércio Livre. “Será que o Comércio Livre foi benéfico ou prejudicial a este país?,” perguntou em 1923. “Será que já se provou que este sistema foi um fracasso em paz ou em guerra? Seguramente que nada tem sido mais notável do que a gigantesca força financeira, comercial e económica desta nossa ilha, que se revelou através do enorme esforço e adversidade por que temos passado. Somos a única nação no mundo inteiro que suportou o fardo que tivemos de suportar sem nos irmos abaixar.” O apoio de Churchill ao Comércio Livre era alimentado pela ideia Democrata Tory de que este era sinónimo de comida mais barata para o trabalhador, ficando assim justificado.

Foi esta preocupação pelo trabalhador britânico comum, que Churchill não

queria que caísse nas garras dos sindicatos ou dos políticos socialistas, que o levou a adoptar ideias alemãs para uma rede de protecção social. Originalmente foi Otto von Bismarck que inventou o conceito de Estado Providência, sobretudo como uma forma cínica de dar a volta aos seus oponentes da Esquerda. O ministério de Asquith de 1906-16 desejava proteger-se da acusação do Partido Trabalhista de que não estava a fazer nada pelos pobres, os desprotegidos e os desfavorecidos, mas também existia um ímpeto moral.

Em 1909, quando o Governo de Asquith ampliou a Segurança Social e as pensões de Velhice, os pilares gémeos do Estado Providência incipiente, Churchill declarou: “Penso que é nosso dever utilizar a força e os recursos do Estado para pôr cobro ao terrível desperdício não só de felicidade humana



### ***O apoio de Churchill ao Comércio Livre era alimentado pela ideia Democrata Tory de que este era sinónimo de comida mais barata para o trabalhador, ficando assim justificado***



como também de saúde e força nacional que se dá quando o lar de um trabalhador, que lhe levou anos a construir, fica destruído e disperso durante um longo surto de desemprego ou quando, pela morte, doença ou invalidez do ganhador, o fraco barco onde se encontra a fortuna da família se afunda, e as mulheres e as crianças são deixadas desamparadas para lutar nas águas negras de um mundo cruel.”

Quando começou, o Estado Providência era uma rede de protecção de último recurso para os trabalhadores britânicos que, sem serem culpados disso, tinham de enfrentar uma penúria avassaladora e a miséria, devido a conjunturas desfavoráveis ou acidentes imprevistos. Decididamente nunca foi decisão de Churchill ou de qualquer outra pessoa transformá-lo numa solução abrangente para todos os cidadãos do país, tal como se tornou e ainda permanece nos nossos dias. A primeira pensão

de velhice era apenas de 1 a 5 xelins por semana para pessoas acima dos setenta que não tivessem tido um rendimento de 12 xelins por semana, sendo um sistema que verificava profundamente os meios de cada um.

De acordo com a Lei da Segurança Social de 1911, os trabalhadores contribuíam com 4 cêntimos por semana para o subsídio de desemprego no caso de serem despedidos. Ficava assim bem longe do Estado Providência devorador dos nossos dias, que incentiva a dependência na generosidade excessiva do governo, cria uma disparidade nos subsídios que na opinião de muitos desincentiva o trabalho, e fornece um batalhão de votantes para o partido que oferecer o maior número de subsídios pelo menor número de obrigações.

Poder-se-á argumentar que o Primeiro Ministro Asquith, o Ministro das Finanças Lloyd George, e o próprio Churchill deveriam ter-se apercebido do caminho que o Estado Providência iria tomar, engolindo montantes de dinheiro cada vez maiores, constantemente concedendo direitos, utilizando cada vez mais dinheiro dos contribuintes, e assim sucessivamente. No entanto, as extensões que ficaram verdadeiramente caras ao Estado Providência, a ponto de terem começado a impedir seriamente a sua capacidade de trazer progresso, riqueza e segurança às nações ocidentais que o subscreveram, encontravam-se bem no futuro e não vinham do partido Liberal ou Conservador.

Ao longo da década seguinte, e sobretudo após a Revolução Bolchevique de 1917, a reforma social, o subsídio de desemprego, a assistência nacional, as pensões de velhice e assim por diante eram cada vez mais vistos pelas classes governantes como um meio de proteger a Grã Bretanha dos movimentos revolucionários do género que submergiram a Rússia czarista. À frente desta cruzada anti bolchevique encontrava-se Winston Churchill, que em Novembro de 1918 disse que o bolchevismo tinha reduzido a Rússia “a uma forma animalésca de barbaridade...os bolcheviques saltam e pulam como um bando de babuínos ferozes entre as ruínas das cidades e os cadáveres das suas muitas vítimas.”

A imagística pode ter sido selvagem, mas o seu ódio pelo Comunismo era palpável. E na luta que se estava a desenvol-

ver entre o Comunismo e o Capitalismo, Churchill emergiu como um dos paladinos mais eloquentes da liberdade.

### **DEPOIS DA GRANDE GUERRA**

Chegados os anos de 1918-19, Churchill estava sem dúvida disposto a envolver-se em algumas soluções cripto-socialistas para os problemas nacionais, incluindo a nacionalização dos caminhos de ferro e gerindo-os com prejuízo, um facto de que foi vocalmente lem-

Churchill não era uma Ayn Rand libertária, mas acreditava genuinamente que o sistema capitalista era “o fundamento de todas as formas de civilização,” e partilhava a aversão por impostos que devia ser sentida por todo o bom capitalista. Mesmo na sua fase mais esquerdista, Churchill ainda foi capaz de afirmar que “os impostos são um mal – um mal necessário, mas mesmo assim um mal, e quanto menos impostos tivermos melhor.”

E esta é a chave: o entusiasmo de Churchill por respostas colectivis-



brado três décadas mais tarde quando, sendo Líder da Oposição, se opôs veementemente à sua nacionalização pelo Governo Trabalhista de Clement Attlee pós-Segunda Guerra Mundial. Isso aconteceu quando um MP trabalhista lhe recordou o apoio que tinha dado à nacionalização já em 1919. Churchill respondeu: “E o que é que aconteceu?” Tudo o que se produziu, disse, “em quatro anos foi um péssimo serviço para o público, grandes perdas para os accionistas, e a pior greve de caminhos de ferro até agora conhecida excepto a que precedeu a Greve Geral. Tenho de admitir que esta experiência prática de nacionalização – e aprendemos por tentativa e erro desde que tiremos partido da experiência – arrefeceu, não posso dizer o meu habitual, mas o meu entusiasmo inicial pelo projecto.”

tas perante os problemas económicos pertenceu mesmo à fase inicial da sua carreira. Aprendeu tanto com a experiência prática – especialmente como Ministro das Finanças, como pela leitura da obra prima de Friedrich Hayek, de 1944, O Caminho da Servidão, e também aprendeu por tentativa e erro, como aconteceu com a questão dos caminhos de ferro. Os seus pontos de vista económicos não foram monolíticos ao longo da sua vida – mas quem é que os tem? No entanto amadureceram pela experiência e empenho intelectual. Enquanto o mundo à sua volta se tornava cada vez mais colectivista, e o Partido Trabalhista derrotou os Liberais – que nunca formou governo depois de 1918 – Churchill tornou-se num defensor dedicado do mercado livre, sobretudo nas suas filípicas devastadoras, enquanto

líder da Oposição, contra o governo socialista de 1945-51.

Se precisarmos de procurar um momento de conversão damascena para Churchill no plano económico, foi a sua nomeação surpresa, em 1924, como Ministro das Finanças, quando subitamente ficou pessoalmente responsável pelas finanças instáveis de uma Grã Bretanha saída da Grande Guerra. A sua crença na livre iniciativa económica nasceu nos cinco anos que aí passou, apesar dos acontecimentos cataclís-



**Os seus pontos de vista económicos não foram monolíticos ao longo da sua vida – mas quem é que os tem? No entanto amadureceram pela experiência e empenho intelectual**

micos que testemunharam, incluindo o regresso ao Padrão Ouro em 1925 e a Greve Geral em 1926.

**Quando começou, o estado providência era uma rede de protecção de último recurso para os trabalhadores britânicos que, sem serem culpados disso, tinham de enfrentar uma penúria avassaladora e a miséria, devido a conjunturas desfavoráveis ou acidentes imprevistos. Decididamente nunca foi decisão de Churchill ou de qualquer outra pessoa transformá-lo numa solução abrangente para todos os cidadãos do país, tal como se tornou...**

Vejamos: se for um devoto de John Maynard Keynes, provavelmente concorda com ele que o regresso ao Ouro foi a causa da Greve Geral, e minou toda

a economia britânica. Como alternativa, eu recomendaria um ensaio perceptivo da autoria de Ryan Brown no *Finest Hour 153*, que argumenta que enquanto o timing e a taxa de câmbio podem ter sido questionáveis, o raciocínio de Churchill era correcto e deveras louvável, baseado em bons princípios de mercado livre e Comércio Livre, e ele teve um enorme azar com a forma como os acontecimentos se desenrolaram.

A Greve Geral não foi de todo causada pelo regresso ao Ouro, mas isso ajudou a minar a confiança na Libra Esterlina num momento crucial e desse modo, em vez de os sindicatos terem sido as vítimas da economia churchiliana, como argumentou Keynes, na realidade eles foram os arquitectos deliberados da sua queda. Os Socialistas sabiam que tinham um inimigo ideológico determinado em Churchill, que disse uns meses antes da Greve Geral ter eclodido: “Deixemo-los abandonar a total falácia, o disparate grotesco, erróneo, fatal de acreditar que ao limitar a iniciativa do homem, ao fixar os grilhões de uma falsa igualdade...aumentarão o bem-estar do mundo.”

Depois de a Greve ter sido contida, Churchill abordou um problema que hoje em dia paira sobre a maior parte do mundo ocidental: os défices. “Há duas possibilidades de prolongar o défice gigantesco por novas décadas e futuras gerações,” disse à Câmara dos Comuns em Abril de 1927. A forma correcta seria “tomar o maior número possível de providências permitidas pela prudência para amortização.” A forma errada seria “agravar o peso da dívida com novos empréstimos, para viver numa situação de escassez ano após ano e dizer, tal como Luís XIV, ‘Depois de mim o dilúvio.’”

A abordagem correcta de Churchill ao financiamento do défice, impostos e massa monetária não se alterou na década de 1930, mas a sua atenção foi absorvida pelo aparecimento dos Nazis, e na primeira metade da década de 1940 pela guerra que, é claro, foi testemunha do maior aumento de poder do Estado em toda a história, sendo a maior parte sob a sua supervisão. Churchill considerou esta situação como sendo apenas uma necessidade temporária. No entanto, os membros socialistas do seu governo de coligação viam-na de outra

forma, esperando que as restrições, regulamentações e controlos pudessem ser expandidos aos anos do pós-guerra.

### O “ERRO GESTAPO” E NA OPOSIÇÃO

“O controlo apenas com o intuito de controlar não faz sentido,” disse Churchill em Março de 1945, ainda antes do final da guerra.

“Os controlos sob o pretexto da guerra ou das suas consequências que na realidade são elaborados para favorecer a concretização de sistemas quase totalitários, por muito inocentemente que tenham sido elaborados, independentemente da forma que tomem, sejam quais forem as suas roupagens ou slogans, são uma fraude que deveria ser exposta sem piedade ao público britânico.”

No entanto foi a sua tentativa de expor esta fraude três meses mais tarde que conduziu Churchill a um dos maiores erros da sua carreira. “Meus amigos,” disse durante a sua transmissão para a Eleição Geral de 1945, a 4 de Junho,

*Devo dizer-vos que uma política Socialista é repugnante aos ideais britânicos de liberdade. Embora seja agora apresentado de um modo geral por pessoas que têm bons conhecimentos básicos do Liberalismo e Radicalismo da parte inicial deste século, não pode haver dúvida de que o Socialismo está inseparavelmente entrelaçado com o Totalitarismo e a adoração abjecta do Estado. Não é apenas que a propriedade, em todas as suas formas, seja atacada, mas também a própria liberdade, em todas as suas formas, é desafiada pelos conceitos fundamentais do Socialismo. Vejam como ainda hoje eles desejam ardentemente ter controlos de toda a espécie, como se estes fossem iguarias em vez de sofrimentos e monstruosidades do tempo da guerra. Haverá um Estado a que todos têm de obedecer em todos os aspectos das suas vidas. Este Estado será o grande empregador, o grande planeador, o grande administrador e governante, e o grande patrão político.*

Até agora Churchill foi franco e sincero. Ele queria definir os parâmetros do debate para a Eleição, e tinha feito uma boa opção ao tentar que estes incorporassem a notória dicotomia entre liberdade e socialismo. No entanto, no parágrafo

fo seguinte do seu discurso incluiu uma frase que, aos olhos de todos, parece ter ido demasiado longe, sobretudo porque o líder Trabalhista, Clement Attlee, era um democrata afável que se tinha sentado a seu lado enquanto vice-primeiro-ministro durante a guerra, e que claramente não merecia o papel quase estalinista que Churchill parecia estar a atribuir-lhe.

*Declaro-vos, do fundo do coração, que nenhum sistema Socialista pode ser estabelecido sem polícia política. Muitos daqueles que defendem o Socialismo ou que hoje vão votar pelo Socialismo ficarão horrorizados com esta ideia. Isto porque têm uma visão acanhada, porque não veem aonde as suas teorias os estão a conduzir. Nenhum Governo Socialista que comanda toda a vida e indústria do país se pode dar ao luxo de permitir expressões de descontentamento público que sejam livres, incisivas ou expressas em linguagem violenta. Teriam de recorrer a uma espécie de Gestapo, que de início seria sem dúvida conduzida de uma forma compassiva. E esta situação iria cortar a liberdade de opinião pela raiz; iria parar com a crítica assim que esta elevasse a cabeça, e iria reunir todo o poder do partido supremo e os líderes do partido, erguendo-se como pináculos estatais sobre as suas vastas burocracias de funcionários públicos que entretanto teriam perdido todas as suas prerrogativas. E onde estaria o simples povo – as pessoas comuns, como gostam de lhes chamar na América – onde estaria ele, assim que esta organização poderosa o tivesse sob o seu controlo?*

**O ensaio perceptivo da autoria de Ryan Brown no *Finest Hour* 153, que argumenta que enquanto o timing e a taxa de câmbio podem ter sido questionáveis, o raciocínio de Churchill era correcto e deveras louvável, baseado em bons princípios de mercado livre e comércio livre, e ele teve um enorme azar com a forma como os acontecimentos se desenrolaram.**

*The Smiling Chancellor, 1925: “Will the Bloody Duck Swim?”*

Clementine Churchill sugeriu que aquela frase tóxica sobre a Gestapo fosse retirada, mas infelizmente Churchill não seguiu o seu conselho. Houve um grito imediato de indignação face às suas palavras que, obviamente, em parte soou a

falso e fabricado pelo Partido Trabalhista mas que, no entanto, acabou por ser profundamente prejudicial. Foi em vão que os seus apoiantes chamaram a atenção para o facto de que Churchill tinha colocado reservas na sua mensagem, que ele não pretendia atacar pessoalmente Attlee, que tudo o resto que tinha dito era verdade, e que tinha acontecido em todos os países em que a nacionalização da indústria, o planeamento do estado e a propriedade comum triunfaram.

Mas não é verdade sugerir, como o fizeram Harold Laski e outros socialistas, que o “discurso Gestapo” – como rapidamente passou a ser conhecido – fez com que Churchill perdesse as eleições. Naturalmente, houve causas bem mais profundas em jogo a explicar a derrota dos Tories do que apenas um discurso muito exuberante.

Para apoiar os argumentos de Churchill, Friedrich Hayek teve acesso a documentos muito racionados e difíceis de obter, que lhe foram oferecidos pelos Conservadores, para publicar uma sinopse de *O Caminho da Servidão* antes das eleições gerais, mas não foi impresso a tempo. O eleitorado deu aos Trabalhistas a maior vitória eleitoral de sempre para qualquer partido político desde 1906. Teve tempo de se arrepender calmamente, dando aos Trabalhistas outra maioria apenas em 1964.

Actualmente acredito que David Cameron tem razão ao dizer que o tempo em que Churchill esteve na oposição entre 1945 e 1951 é talvez o período menos estudado da sua vida, sendo no entanto um dos mais importantes. Pois foi durante esse tempo intelectualmente muito produtivo que Winston Churchill proferiu os seus discursos mais contundentes contra o Socialismo e a favor do mercado livre, discursos que, sabemos, inspiraram a jovem Margaret Thatcher naquele tempo, que veio finalmente a pôr em prática os apelos à liberdade económica feitos por Churchill nos seus discursos. Podemos imaginá-la sentada ao pé do rádio ou a ler o jornal e a absorver as palavras do líder do seu partido enquanto se preparava para se candidatar ao círculo de Dartford nas eleições gerais de 1950, pouco imaginando que caberia a ela três décadas mais tarde pôr em prática muitas das prescrições de Churchill.

Efectivamente, durante os seus seis anos na oposição, Churchill delineou

uma crítica ao socialismo e ao colectivismo e igualmente uma defesa do capitalismo de mercado livre que ficarão na história. Por vezes eram feitas por meios de aforismos eficazes. “O vício inerente ao capitalismo é a distribuição desigual das bênçãos,” observou sarcasticamente nos Comuns em 1945. “A bênção inerente ao socialismo é a partilha igual da miséria.” Mais frequentemente essas críticas faziam parte de discursos implacáveis durante as campanhas políticas. “Será que o trabalho árduo diário do trabalhador que na realidade produz não terá um fardo bem mais pesado que lhe é imposto pela gigantesca horda de...funcionários públicos profundamente desinteressados do que seria o caso se estivesse sob um regime de gestão privada?” perguntou em Ayr em Maio de 1947. “E não serão esses funcionários públicos menos eficientes, mais caros e muito mais ditatoriais do que os empregadores privados?”

**“Num aforismo memorável, Churchill afirmou em Perth em 1948: ‘o socialismo é a filosofia do fracasso, o credo da ignorância e o evangelho da inveja.’ A inveja – que numa outra ocasião Churchill memoravelmente definiu como ‘o vício mais árido’ – é sem dúvida a posição automática do demagogo estatista.”**

Claro que naqueles tempos havia muito menos funcionários públicos do que hoje em dia, sendo o preço político da sua crítica consequentemente mais baixo. Hoje, quando em algumas regiões da Grã Bretanha, como é o caso da Escócia, Ulster e Norte da Inglaterra, os funcionários públicos ou pessoas que de alguma forma são pagas pelo Estado representam até 70 por cento da população trabalhadora, o preço político é muito mais elevado – e é por isso que hoje raramente se ouvem políticos a referirem-se a esta verdade de Churchill. “Quando se incorrem em perdas,” avisou em Manchester em 1947,

*sob o presente sistema estas perdas são suportadas pelos indivíduos que as sofreram e arriscaram e julgaram mal as coisas, enquanto que sob a gerência do Estado todas as despesas são divididas pelos contribuintes e a comunidade geral. A eliminação do motivo de lucro e do interesse próprio como guia prático na miríade de transacções da vida quotidiana irá restringir, paralisar e destruir o talento,*



*Pois foi durante esse tempo intelectualmente muito produtivo que Winston Churchill proferiu os seus discursos mais contundentes contra o Socialismo e a favor do mercado livre, discursos que, sabemos, inspiraram a jovem Margaret Thatcher naquele tempo, que veio finalmente a pôr em prática os apelos à liberdade económica feitos por Churchill nos seus discursos*

*economia, capacidade inventiva e boa economia doméstica em todas as etapas na nossa vida e produção, e reduzirá todas as nossas indústrias a um processo de perda de lucros.*

**“David Cameron tem razão ao dizer que o tempo em que Churchill esteve na oposição entre 1945 e 1951 é talvez o período menos estudado da sua vida, sendo no entanto um dos mais importantes. Pois foi durante esse tempo intelectualmente muito produtivo que Winston Churchill proferiu os seus discursos mais contundentes contra o socialismo e a favor do mercado livre...”**

*Right: With Thumbs-up Pin, 1945*

Rapidamente se provou que estas suas afirmações também estavam certas, mas os governos das décadas de 1960 e 1970, de ambas as persuasões políticas, apenas decretaram que os contribuintes teriam de assumir as perdas decorrentes de más decisões. Quando a mão invisível do mercado é cortada, todo o corpo político acaba por ficar estropeado.

Em Abril de 1948, ao referir-se ao Vice-Primeiro-Ministro, o Líder da Câmara dos Comuns de Clement Attlee, Churchill afirmou:

*O Sr. Herbert Morrison, num momento de franqueza, disse-nos em Liverpool que sem [o Plano Marshall americano], deveríamos estar a enfrentar cerca de um ou dois milhões de desempregados. Podemos realmente questionarmo-nos sobre como é que o Capitalismo e a livre iniciativa económica permitiram que os Estados Unidos não só sustentassem a sua vida e necessidades vastas e variadas, mas também que fornecessem estas enormes quantias para aliviar o peso dos que estavam em sofrimento.*

Num aforismo memorável, Churchill afirmou em Perth um mês mais tarde: “O Socialismo é a filosofia do fracasso, o credo da ignorância e o evangelho da inveja.” A inveja – que numa outra ocasião Churchill memoravelmente definiu como “o vício mais árido” – é sem dúvida a posição automática do demagogo estatista. Se tudo o resto falhar nas suas tentativas de persuadir as pessoas de que é correcto redistribuir a riqueza, dos ricos para os pobres – quando falham todos os seus argumentos de que isso é algo desejável, economicamente eficaz ou mesmo moralmente decente que deve ser feito aos cidadãos trabalhadores e empreendedores – o socialista pode

sempre recorrer às emoções primárias de ressentimento que podem muito facilmente ser atiradas contra os ricos. E não apenas em 1948.

“Não me admira de forma nenhuma que a juventude britânica esteja revoltada contra a doutrina mórbida de que a única coisa importante é a distribuição equitativa das misérias,” afirmou Churchill em Junho de 1948, “de que aqueles a quem se chamava ‘submerged tenth’<sup>1</sup> só podem ser ajudados baixando os outros nove décimos até ao seu nível.”

Voltando ao seu tema transatlântico, Churchill disse ao seu eleitorado de Woodford em Essex em Julho de 1948: “Quando vejo o actual Governo Socialista denunciar o Capitalismo em todas as suas formas, escarnecendo com menosprezo e desdém o formidável sistema capitalista de livre iniciativa em que a gigantesca produção dos Estados Unidos assenta, sinto que como nação não estamos a agir com honra ou honestidade.” Essa produção tinha ajudado a salvar a Grã Bretanha durante a Segunda Guerra Mundial, por isso era natural que Churchill desejasse fazer-lhe jus.

Mas era sobre a Grã Bretanha que Churchill falava em Novembro de 1948 quando afirmou: “uma dose forte de Socialismo ou de Comunismo matará por completo a Grã Bretanha, e no inquérito a única pergunta será: “Será que ela caiu ou foi empurrada?” A questão era que embora os comunistas quisessem activamente destruir a economia britânica para o maior benefício da União Soviética, a incompetência, negligência e suposições ideológicas preconceituosas do Partido Trabalhista iriam estrangular de tal modo o objectivo de lucro que o efeito seria espontânea e voluntariamente o mesmo.

“A escolha é entre dois modos de vida,” afirmou Churchill categoricamente em Wolverhampton em Julho de 1949:

*Entre liberdade individual e domínio do Estado; entre concentração de propriedade nas mãos do Estado e o alargamento da propriedade ao maior número de indivíduos; entre a mão morta do monopólio e o estímulo da concorrência...entre a política de nivelamento por baixo e a política de oportunidade para todos poderem subir acima de um nível básico.*

Essa dicotomia tão marcada é a que se observa sempre em eleições gerais

no mundo ocidental sempre que há um partido a favor do Estado que confronta outro que acredita na economia liberal clássica de mercado, seis décadas após Churchill ter proferido estas palavras.

Um dos aspectos do controlo governamental que os socialistas sempre louvaram foi o Planeamento. Churchill apoderou-se deste mantra no seu discurso em Empress Hall em Londres em Outubro de 1949. “Não há nada de novo no Planeamento” disse...

*Não é verdade que José aconselhou o Faraó a construir novos celeiros e a enchê-los para os anos de penúria, quando falhassem as águas do Nilo?...O Planeamento, com todos os recursos da ciência ao seu dispor, deveria ter como objectivo dar a cada cidadão o maior número possível de escolhas sobre o que fazer durante os altos e baixos do quotidiano...Este tipo de planeamento difere fundamentalmente do tema colectivista de os pulverizar a todos num vasto edifício estatal que, no processo, irá certamente destruir a liberdade e a independência que são o fundamento do nosso modo de vida e a característica mais famosa da nossa raça.*

Hoje em dia pouco ouvimos acerca das glórias das economias planeadas, mas na altura em que Churchill falou era comum gabá-las, afirmando que elas faziam uma utilização eficiente dos recursos. O tempo e a experiência, e a natureza de mudança veloz do mercado, vieram felizmente acabar com argumentos desses.

Os custos das indústrias nacionalizadas tornaram-se bem claros logo após terem sido “transformadas em propriedade pública,” ou seja, sujeitas a uma venda forçada por imposição governamental contra os desejos dos seus proprietários. “Duvido que dê muito prazer a um socialista comum acordar de manhã e dizer para consigo ‘Ah, sou proprietário do Banco de Inglaterra, sou proprietário dos caminhos de ferro, sou proprietário das minas de carvão,” afirmou Churchill em Edimburgo em Fevereiro de 1950. “Mas se realmente lhe dá mesmo algum prazer, o preço que tem a pagar é sem dúvida muito elevado.” Para sublinhar a loucura económica de tudo isso, Churchill disse aos seus eleitores em Julho de 1951 como é que “Todas as gabarolices sobre o Estado Providência têm de ser vistas à luz do facto de que mais do que

aquilo que têm dado com uma mão tem sido roubado com a outra.”

## REGRESSO AO PODER

Aquando das eleições gerais de Outubro de 1951, Churchill avisou o povo britânico que, tal como o tinha já dito em Huddersfield naquele mesmo mês, “A nacionalização total de todos os meios de produção, distribuição e troca faria com que esta pequena ilha não tivesse possibilidade de manter uma grande parte da sua vasta população.” O povo deu-lhe atenção e voltaram a colocá-lo em Downing Street com uma maioria Tory viável, a sua primeira e única vitória eleitoral como líder do seu partido.

O governo de Churchill de 1951-55 acabou com o racionamento mas encarregou-se de apenas uma desregulamentação marginal da indústria e apenas desnacionalizou as indústrias do aço e dos transportes por camiões, com o Estado a manter um controlo considerável sobre a primeira. Não houve nenhuma “fogueira de controlos” como tinha sido prometido.

**“Mas foi o destino de Winston Churchill regressar ao poder, resolvido a não combater as incursões socialistas dos anos pós-guerra. Ele, e a Inglaterra, estavam demasiado cansados, e não havia nada a fazer... foram precisos vinte e cinco anos para que uma força na Grã-Bretanha reacendesse a visão que Churchill apresentou, falando aos microfones da BBC em 1945, uma vez que mais ninguém o ouvia.”**

*Wm. F. Buckley, Jr., 1995 Churchill Conference Boston*

Além do mais, Churchill limitou-se apenas a render-se perante a militância sindical, que acabou por conduzir a uma situação de inflação causada pelos salários quando saiu do governo. (Quando Churchill pôs termo a uma ameaça de greve de Natal dos caminhos de ferro, o seu Ministro das Finanças, Rab Butler, telefonou-lhe para lhe perguntar em que termos é que a greve tinha sido resolvi-

da. “Nos deles, é óbvio, seu galo velho!” foi a sua resposta galhofeira.)

Churchill já tinha oitenta anos quando deixou o governo, interessava-se mais por política externa do que por assuntos internos, e não tinha estômago para as lutas desgastantes que teriam sido necessárias com os sindicatos, como as que foram vistas durante a década de 1970 durante o governo de Ted Heath – que não teve mão para lidar com elas – e, finalmente, vitoriosamente durante o governo de Margaret Thatcher durante os anos de 1980 (que, segundo Buckley, não há dúvida que teve). No último discurso político da sua vida, no seu círculo eleitoral de Woodford a 29 de Setembro de 1959, Churchill afirmou:

*Entre os nossos adversários socialistas existe grande confusão. Alguns deles veem o sector privado como um tigre predador que deve ser morto. Outros olham-no como uma vaca que podem ordenhar. [Neste momento fez o gesto de ordenhar uma vaca]. Apenas alguns o veem tal como ele é – o cavalo forte e perseverante que puxa a carroça.*

Existe nesse discurso um eco de um outro que tinha feito há mais de quatro décadas, no qual tinha definido o capitalismo como “o fundamento de todas as formas de Civilização,” que nos permite reconhecer que Winston Churchill se transformou num firme apoiante do mercado livre. Acredito que juntamente com Adam Smith, Friedrich von Hayek, Ronald Reagan e Margaret Thatcher, devemos reconhecer que Winston Churchill foi um dos promotores mais eloquentes da história do génio do capitalismo.

Tal como nos é dito que há mais alegria no Céu por causa de um pecador que se arrependeu e é salvo do que pelas noventa e nove almas que já viram a luz, também nós nos alegraríamos muito que a experiência pessoal e inteligência bruta de Winston Churchill o trouxesse para o movimento de mercado livre com tal esplendor e impressionantes poderes de persuasão.■

## NOTAS

<sup>1</sup> Esta expressão, cunhada pelo salvacionista William Booth (1829-1912), refere-se à camada mais pobre da população, que se calculava como sendo cerca de um décimo. N.T.